

PATOLOGIA DA ÉTICA: covardia moral e direito de ser tratado como exceção

Tania Coelho dos Santos

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII, Professora Associada II do Programa de Pós-graduação em Teoria psicanalítica da UFRJ, Membro da Associação Mundial de Psicanálise, Membro da Escola Brasileira de Psicanálise, Presidente da Associação Núcleo Sephora de Pesquisa, Pesquisadora-bolsista de produtividade em pesquisa nível 1C, Editora de aSEPHallus, Revista do Núcleo Sephora

Resumo:

Um dos aspectos mais insidiosos das depressões na psicose é a inibição que pesa sobre a conexão entre as saídas que um sujeito inventa para sair do isolamento social e o ato. Para esclarecer essas formas da precariedade subjetiva, retomaremos duas indicações freudianas: a covardia moral do melancólico e a reivindicação de ser tratado como exceção do tipo de caráter feminino. Essas “patologias da ética do desejo” nos reenviam à diferença entre às formas mais primitivas da angústia – que mais além da culpabilidade edipiana – nos remetem à vergonha do corpo.

A questão da desinserção subjetiva na perspectiva da psicanálise

Em seu artigo de (1917 [1915]), intitulado “Luto e melancolia”, Freud fala da identificação como a primeira forma pela qual o eu escolhe um objeto que deseja incorporar a si mesmo, devorando-o. Trata-se de uma identificação imediata e direta que se verifica mais cedo do que qualquer investimento num objeto. Na melancolia, um investimento de objeto é substituído por uma identificação. Essas identificações regressivas são a base do que descrevemos como caráter de uma pessoa. A mais importante delas, deriva do complexo de Édipo, e constitui o núcleo do supereu. Para lançar alguma luz sobre a melancolia, Freud a compara com o afeto normal do luto.

“O luto de modo geral é a reação à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; por

consequente, suspeitamos que essas pessoas possuem uma disposição patológica.” (p. 275)

Freud observa que os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penosos, a cessação do interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima que pode chegar à exacerbação da auto- recriminação e até a vontade delirante de punição. Interpreto esta última, como a força que impulsiona à passagem ao ato suicida. Diante da experiência do luto, é fácil constar a inibição de toda atividade, a devoção do eu a esse interesse exclusivo, que não permite outros propósitos e interesses. A disposição para o luto é dolorosa mas, quando trabalho de desapego ao objeto perdido é concluído, o eu fica novamente livre e desimpedido.

Na melancolia a perda é de natureza mais ligada ao ideal pois, o paciente não consegue perceber conscientemente o que foi que perdeu. Se ele sabe quem perdeu, não sabe o que perdeu nesse alguém. Essa perda desconhecida é responsável pela inibição melancólica. Diferentemente do trabalho normal de luto, a inibição do melancólico nos parece enigmática, pois não podemos ver o que o está absorvendo completamente. O melancólico exibe uma diminuição extraordinária da auto-estima e um empobrecimento do eu. Representa seu eu como desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível. Se auto-recrimina, se repreende e se envilece, aguardando ser punido e expulso. Tem pena de seus parentes por estarem ligados a uma pessoa tão desprezível. Esse quadro de delírio de inferioridade pode prolongar-se em insônia e recusa em alimentar-se. Para Freud: “está doente quer fale a verdade, quer se mostre mais ou menos injusto para consigo mesmo.” (p.279) Por quê? Porque o melancólico não se comporta como uma pessoa verdadeiramente culpada ou envergonhada. Ao contrário, ressalta-se o traço oposto de uma despudorada auto-exposição, que encontra satisfação no desmascaramento de si mesmo: “(...) ele perdeu seu amor-próprio e deve ter tido boas razões para tanto.” (p.279)

Freud atribui essa perda da auto-estima ao fato de que uma parte do eu voltou-se contra a outra. Essa parte, que inclui o que chamamos de consciência e de teste de

realidade, pode ficar doente. Isso explica porque o paciente não sofre com sua feiúra, doença do corpo, fraqueza ou inferioridade social: “(...) somente o temor da pobreza e as afirmações de que vai ficar pobre ocupam posição proeminente.”(p.280)

Um outro aspecto esclarecedor é o fato de que as auto-recriminações – quando as escutamos com cuidado – se referem a outra pessoa, a alguém a quem o paciente ama, amou ou deveria amar. Este dado se ajusta bem ao fato de que longe de demonstrarem uma atitude de humildade e submissão, de acordo com sua condição supostamente desprezível, dão a impressão de que se sentem desconsideradas e de que foram tratadas com grande injustiça.

Neste artigo ainda, ele lança uma luz sobre o processo pelo qual uma escolha de objeto, em consequência de um desapontamento real, é destruída e a libido nele depositada não se desloca para um novo objeto mas, retorna para o eu, A libido servirá para estabelecer uma identificação do eu com o objeto abandonado: “Assim, a sombra do objeto caiu sobre o eu, e este pode, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado.”(p.281)

Penso que é preciso lançar alguma luz sobre a arrogância sutil da posição do melancólico. Acredito que se deva fazê-lo pelo viés do caráter. Freud, em seu artigo intitulado “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico”, descreve três tipos básicos: os que se consideram “exceções” , os “fracassados pelo êxito” e os “criminosos devido ao sentimento de culpa”. Os primeiro tipo – que é o que nos interessa discutir – refere-se àqueles que sofreram alguma lesão *a mais* em relação aos demais seres humanos, e julgam que possuem um direito *a mais* na esfera das limitações impostas pela vida e suas regras de convivência. Esse tipo de caráter destaca-se pela resistência maior em renunciar às satisfações mais imediatas. São sujeitos que acreditam que já renunciaram a muita coisa na vida e julgam-se no direito de serem poupados de novos sacrifícios: “Deve haver uma razão específica, e não universalmente presente, para que alguém realmente se proclame uma exceção e se comporte como tal.” (p. 353) A psicologia da vítima desse tipo de traumatismo infantil, diferentemente da histérica, é inalisável. A experiência do trauma de sedução não

exclui que a vítima se reconheça como cúmplice do desejo do sedutor. Os sujeitos que se consideram lesados não se sentem culpados de forma alguma.

A conseqüência tanto da melancolia quanto da reivindicação de ser tratado como exceção é a desinserção no laço social. O sujeito recusa-se a trabalhar para ganhar a vida e torna-se um parasita. A pobreza, muitas vezes é mais a conseqüência desses desregramentos patológicos do que o efeito simples da desigualdade na distribuição das riquezas. Sylvie Zucca¹ se pergunta como evitar as “dissonância que se poderia ouvir entre uma compreensão da noção de desinserção subjetiva em termos políticos ou econômicos e o ponto de vista da psicanálise, que a assimila, principalmente ao desregramento patológico”². A perda da auto-estima e não a culpa parecem ser o ponto onde se condensa a particularidade da experiência da angústia moral na melancolia e nos sujeitos que reivindicam ser tratados como exceção. Para construir as coordenadas da desinserção subjetiva em termos psicanalíticos é preciso, então, partir de um ponto mais íntimo do que a culpabilidade edipiana pelo desejo: a vergonha do corpo. Nesse ponto, não se trata do sujeito dividido pelo significante e sim do corpo, enquanto objeto para o Outro. A vergonha é o afeto primário da relação com o Outro³. Ela se refere ao gozo do corpo, aspecto mais íntimo do sujeito. Ele sinaliza que não podemos esconder, aquilo que gostaríamos de ocultar nós mesmo e do que também não se pode fugir. O afeto de vergonha manifesta a angústia, afeto fundamental: “A angústia, é justamente alguma coisa que se situa noutra lugar, no corpo, é o sentimento que surge dessa desconfiança que nos acomete quando somos reduzidos ao nosso corpo.”⁴

A angústia pode manifestar-se pela sua mais completa ausência. Neste caso que apresentaremos em seguida, a angústia é presentificada pela inibição e localiza-se na imobilidade em que está cristalizado, mumificado esse jovem psicótico. Tendo fracassado numa preciosa oportunidade de inserção no mercado de trabalho que lhe

¹ Apud, Falcon, P. La force du rien in, Poubelle égarée au bord de l’autoroute..., Collection: L’impensé contemporain”, Éditions Pleins Feux, Nantes, 2009

² Zucca, S. Q. Je vous salis ma rue – Clinique de la desocialisation, Ed. Stock, 2007, p.82

³ Miller, J. A. “Note sur la Honte”, Psychanalyse, dans et hors murs, la Cause Freudienne, revue de l’ECF, Junho 2003, numero 54, p. 8.

⁴ Lacan, J. “La troisième intervention au congrès de Rome”, Lettres de L’ École Freudienne, numero 16, 1975, p. 177-203

foi oferecida, é relançado no abismo do profundo descrédito em si próprio. Imagina-se condenado à errância. Horrorizado receia ter se reduzido a um louco, na mais completa pobreza senão jogado na vala comum dos suicidas. Como analista, eu me perguntava: que caminho tomar para inseri-lo sem pretender adaptá-lo à norma social do mercado de trabalho? Como levar em conta a singularidade sem reforçar a ideologia do direito de ser tratado como exceção? O Outro do discurso psicanalítico é inconsistente, mas não é o Outro inconsistente da civilização que elevou o objeto ao seu zênite. Por essa razão, convém considerar que não é mais por meio do simbólico que nos enlaçamos ao Outro hoje, mas por meio das duas consistências - imaginária e real – do corpo.⁵ No discurso da civilização o sujeito desvencilhado de suas amarrações simbólicas se vê reduzido ao indivíduo: “desobjetivação progressiva [dos precários] desconectados de nosso mundo, sem mais troca nem reciprocidade.”⁶ A psicose desse rapaz é exemplar do cenário que assombra o indivíduo na civilização.

Perdido na noite escura do não ser

Aos trinta anos, depois de ter levado oito anos para concluir o curso de universitário numa das melhores instituições do Rio de Janeiro, João está recém formado mas não consegue inserir-se no mercado de trabalho. Sem recursos e sem nenhum sentimento de culpa, andrajoso e um pouco sujo, dorme a maior parte do dia e perambula durante a noite entre miseráveis e drogados. Surge por acaso, a ocasião de dar-se conta do risco de permanecer para sempre na errância. Seu pai decide levá-lo a um grupo de auto-ajuda: os narcóticos anônimos. Encontrá-los tem um efeito inesperado de localização de sua condição. Ao ouvir os relatos de indivíduos que sucumbiram à adição às drogas e foram ao fundo do poço, ele reage horrorizado. Registro nesse ponto uma abertura para algo novo, produzida pelo afeto de vergonha.

Fala pouco, lentamente, manifestando desânimo. Relata sua trajetória escolar difícil, atribulada, insuficiente numa cidade na periferia do Rio de Janeiro. Se esses fatos tivessem acontecido hoje, na cidade grande, ele teria sido diagnosticado como uma criança portadora de TDAH. Com o apoio escolar do pai, chegou à universidade. Formou-se depois de arrastar o curso durante muito mais do que o tempo necessário.

⁵ Laurent, É. Les enjeux d Congrès 2008, Lettre Mensuelle, numero 261, setembro/outubro, 2007, p. 19

⁶ Zucca, S.Q. p. cit. P. 105

A desinserção subjetiva lhe impede de organizar-se para conseguir qualquer forma de trabalho. Desocupado perambula pelas ruas durante à noite e encontra-se com outros homens também sem inserção. Bebem, jogam sinuca, planejam pequenos golpes para arranjar algum dinheiro. Ele brilha entre eles pois, diferentemente dos demais desocupados, ele tem nível universitário. Seu humor é mais esperançoso quando devaneia que vai inventar algum objeto de utilidade, fabricá-lo e ganhar dinheiro. Uma pesada inibição lhe impede de dar um passo para efetuar algum desses pequenos delírios. Seus companheiros de deriva noturna, que acreditam nele, esperam que ele venha a empregá-los. São moradores das favelas da região e alguns até já estiveram na prisão. Mostra-se orgulhoso de sua capacidade de relacionar-se com todo tipo de gente pobre: flanelinhas, mendigos, ladrões, policiais militares, seguranças e bandidos. Seu pai, ele me diz, não sabe se relacionar com ninguém. Como observa Freud: “ Na melancolia, a insônia atesta a rigidez da condição, a impossibilidade de efetuar o retraimento geral das catexias necessário ao sono. O complexo da melancolia se comporta como uma ferida aberta, atraindo para si as energias catexiais – que nas neuroses de transferência denominamos de ‘anti-catexias’ – provenientes de todas as direções, e esvaziando o ego até este ficar totalmente empobrecido.” (pags. 285-286)

Mostra-se desgostoso do pai, precocemente aposentado, graças a um desses dispositivos legais que atribuem “periculosidade” a determinados empregos. Há muitos anos ele se ocupa de tarefas domésticas e se encarrega desse filho desempregado. Abrigado e alimentado pelo pai, foi socorrido também pela sua mãe, que vive separada do marido, e que me pediu que o atendesse. Ela entende que ele é psicótico. Compreende sua insondável decisão pela liberdade e sua reivindicação do direito de ser tratado como exceção. Foi ela quem pediu e quem paga pelo atendimento dele.

É afável, mas irregular no comparecimento às sessões. Uma oscilação estilística em seu uso singular da fala. Ora expressa-se como um matuto, um sertanejo que não parece ter grau universitário. Ora manifesta-se na linguagem mais cultivada dos extratos médios, servindo-se de expressões cuidadosamente escolhidas. Essa alternância acompanha seus estados de humor. Quando está mais desanimado acentua o sotaque e fala como um homem do povo. Quando está melhor, mais esperançoso, mostra-se

mais elegante e cuidadoso na forma de falar. Fazendo semblante de homem simples do povo, atenua o estado de precariedade em que se encontra. Seu pai acredita na inteligência excepcional do filho. Mas, ele se vê reduzido ao seu corpo vazio de sentido, não está à altura do semblante do curso universitário que concluiu.

Demora-se em relatar os insultos e as críticas que o pai lhe dirige. Nessa recitação, podemos escutá-lo em duas direções aparentemente opostas. Ele não pensa que o pai está errado a seu respeito. Também se vê como fracassado e sem valor. Embora se queixe de que o pai acentua sua baixa auto-estima, não perde a ocasião de denunciar que esse pai “jovem aposentado”, abandonado pela mulher, é inútil e sem prestígio. Sobressai, neste caso, a fórmula freudiana: “a sombra do objeto caiu sobre o eu”. Quando compreendi isso, incentivei-o a mudar-se da casa do pai.

O núcleo de seu delírio de recuperação da auto-estima é tornar-se um empreendedor como sua mãe. Então, enaltece as ocupações apropriadas para sua profissão. Nessas ocasiões exagera suas capacidades, talentos e competências profissionais. Mas, dorme até tarde, não procura emprego, não se ocupa nem mesmo de suas necessidades e pertences pessoais. Suas sessões consistem na exposição de intenções, planejamentos, estratégias que pensa em desenvolver para encontrar uma ocupação. Da porta para fora não faz absolutamente nada.

Certa ocasião seu pai o havia matriculado num curso preparatório para uma prova numa multinacional, convencido de que seu filho é brilhante e que seus resultados serão surpreendentes. Ele fica mal classificado, mas é agraciado com uma pequena bolsa para freqüentar um treinamento. Os candidatos que obtivessem aprovação no treinamento poderiam ser contratados. É preciso ter bom rendimento para conservar a bolsa. Trata-se de uma dessas parcerias do poder público para melhorar a empregabilidade de jovens recém-formados sem ocupação. Quando tudo parece arranjado, uma nota muito ruim, vai desligá-lo do curso e cortar esse pequeno rendimento. Só então se vê, claramente, seu compromisso em permanecer à deriva, desempregado.

Nesse momento, retoma o discurso sobre as causas de suas dificuldades. Descreve-se como uma criança abandonada, alimentada pelos vizinhos e privada da atenção do pai

e da mãe. A casa em que morava não tinha mobiliário, diferentemente das casas dos vizinhos, como se estivesse desabitada e abandonada. Não estudava e com dificuldade conseguia ser promovido. Desinvestido pelos pais, ele é hoje um indivíduo sem recursos. Reivindica o que lhe devem. Espera que o pai ou a mãe abram um negócio, uma atividade comercial, para que ele possa comandar os empregados. Sua atividade delirante converge no sentido tornar-se patrão, pois é o que lhe parece poder devolver sua auto-estima. Há entretanto, um outro eixo mais promissor. Certa vez, imaginava-se fundindo metal para produzir esculturas. A revelação dessa fonte singular⁷ de satisfação auto-erótica, com seu potencial sublimatório reorientou-me no sentido de conduzir seu tratamento para a produção de uma atividade mais singular, que não lhe exigisse adaptar-se aos padrões sociais.

Bibliografia

Coelho dos Santos, T. e Azeredo, F.A.M. Um tipo excepcional de caráter In: *Psychê Revista de Psicanálise*, Ano IX, numero 16, 2005 pags. 77-96

Blancard, M-H, *S'inscrire dans la communauté des hommes*, In : *La Cause Freudienne – Nouvelle Revue de Psychanalyse, La désertion Subjective*, Navarin Éditeur, numero 72, pags. 7-10

Freud, S. (1917[1915]) Luto e Melancolia, In *Obras Completas Imago*, vol. XIV, 1974, pags. 271-292

_____ (1916) Alguns tipos de caráter encontrados no tratamento psicanalítico, In: *Obras Completas*, Rio de Janeiro, Imago, vol. XIV, 1974, pags. 251-380

Falicon, P. La force du rien In : Castanet, H. (org.) *Poubelle égarée au bord de l'autoroute*, Collection: *L'impensé contemporain*, Éditions Pleins Feux, Nantes, 2009, pags. 37-46

Lacan, J. "La troisième intervention au congrès de Rome", *Lettres de L'École Freudienne*, numero 16, 1975, p. 177-203

⁷ Miller, J. A. *Choses de Finesse*, Curso de Orientação Lacaniana, 2008/09, aula numero VI

Laurent, É. Les enjeux d Congrès 2008, Lettre Mensuelle, numero 261, setembro/outubro, 2007, p. 19

Miller, J. A. Choses de Finesse dans la psychanalyse, Curso de Orientação Lacaniana, 2008/09, aula numero VI

Zucca, S. L'effroi de la perte, In: Castanet, H. (org.) Poubelle égarée au bord de l'autoroute, Collection: L'impensé contemporain", Éditions Pleins Feux, Nantes, 2009, pags.